

Aula 4 – Tradução como Prática Comparatista


Imagine que você descobre uma música incrível de uma banda de outro país. A melodia te arrebata, mas a letra é um mistério. Alguém então te oferece uma versão traduzida. Você ouve e, de repente, não só a melodia, mas toda a história e a emoção da canção se abrem para você. Mas seria essa a *única* forma de entender a canção?

Muitos de nós fomos ensinados a pensar na tradução como um processo técnico, quase matemático, onde o grande fantasma é a "perda" do original. O objetivo hoje é **demolir essa ideia**. Ao final desta aula, você não verá mais a tradução como uma cópia imperfeita, mas como um ato vibrante de **transformação**.



Desconstruindo Mitos

O Fantasma da "Perda"

📄  **Reflexão inicial:** Quase toda conversa sobre tradução começa com uma ponta de melancolia. Fala-se em "perdido na tradução", como se algo precioso inevitavelmente escorresse pelos dedos no processo.

Essa ideia pressupõe que existe um original puro, intocável, e que qualquer tentativa de recriá-lo em outra língua será sempre uma sombra pálida do que foi. Mas e se essa premissa estiver fundamentalmente equivocada? E se a tradução não for sobre perder, mas sobre **ganhar** novas perspectivas?



A Partitura Musical

Pense na tradução não como uma fotocópia, mas como a **interpretação de uma partitura musical**. A Nona Sinfonia de Beethoven existe no papel, mas cada orquestra oferece uma nova leitura.



O Maestro

O tradutor, nosso maestro, não está apenas trocando palavras. Ele está lendo profundamente, interpretando o ritmo, a cadência, as camadas de significado cultural.



A Performance

A obra original é a partitura, e a tradução é a sua performance em uma nova sala de concertos, para um novo público. O "som" pode ser diferente, mas a música continua viva.

Isso nos leva a uma questão fundamental: se cada tradução é uma performance única, qual é exatamente o papel desse intérprete que chamamos de tradutor? Ele é um servo invisível do texto original ou um artista por direito próprio? A resposta a essa pergunta muda tudo.

O Processo Criativo

Traduzir é Transformar: O Texto como Argila

Aceitar a tradução como uma interpretação, e não como uma cópia, nos abre as portas para uma ideia ainda mais poderosa: a tradução é um ato de **transformação**.

Imagine um escultor que recebe um bloco de mármore. A forma final da estátua já está, de certa forma, contida na pedra, mas é a visão, a técnica e as escolhas do artista que a trarão à vida.

O tradutor trabalha com a linguagem como se fosse argila. A obra original oferece a matéria-prima — a trama, os personagens, as imagens, as ideias. No entanto, para moldar essa matéria em uma nova língua, é preciso mais do que um dicionário. É preciso sentir a textura das palavras, entender seu peso, sua história, suas associações culturais.

A

Expressão Original

"It's raining cats and dogs"



Tradução Literal

"Está chovendo gatos e cachorros" ❌



Transformação Cultural

"Está chovendo canivetes" ou "Cai um toró" ✓

Essa perspectiva nos afasta da ansiedade da "perda" e nos aproxima da celebração da criatividade. Cada tradução se torna um novo original em seu próprio direito, um testemunho da capacidade de uma história de atravessar fronteiras e se reinventar.



O Tradutor como Mediador Cultural

Se traduzir é transformar, então o tradutor não pode ser apenas um especialista em dois idiomas. Ele precisa ser, antes de tudo, um profundo conhecedor de duas **culturas**.

Pense nele como um **diplomata habilidoso**, mediando uma conversa delicada entre duas nações com costumes, valores e histórias muito diferentes. O sucesso da negociação não depende apenas de traduzir as palavras de um líder para o outro, mas de explicar os subtextos, as intenções e as nuances culturais que podem passar despercebidas.


General Inverno

Metáfora russa para a história e resiliência do povo. Exige contexto cultural para o leitor brasileiro.

Saudade

Conceito brasileiro que vai além de "missing" ou "longing". É quase um pilar da nossa identidade cultural.

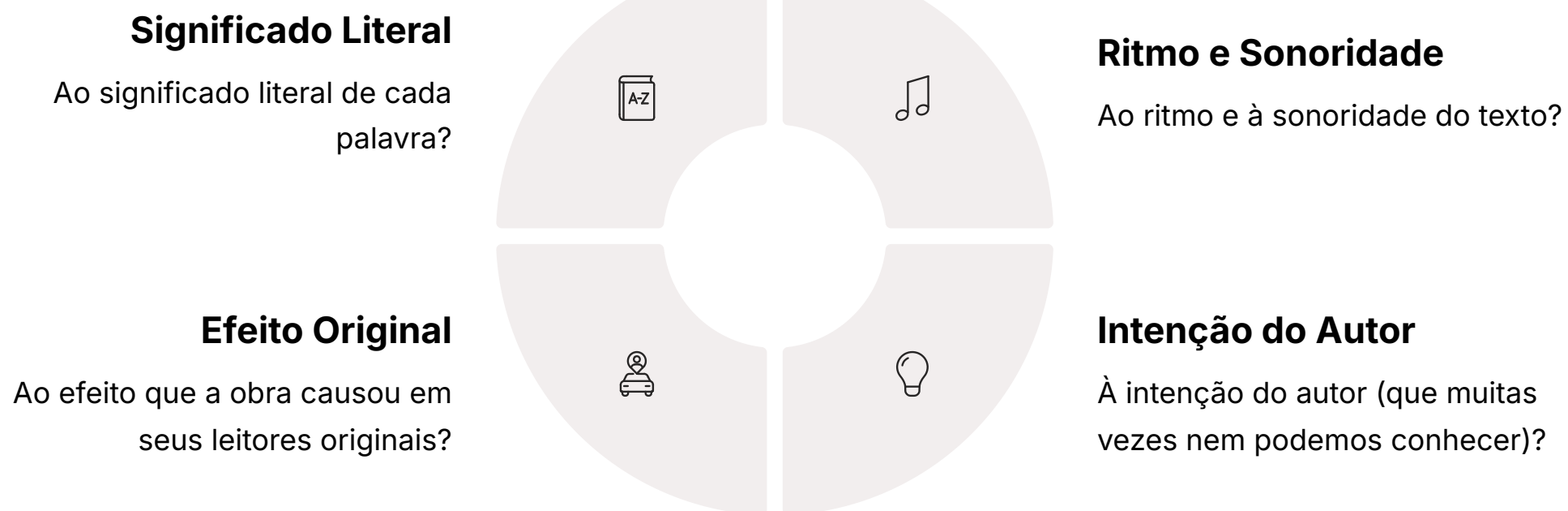
Essa mediação se torna ainda mais crucial quando olhamos para as relações de poder históricas, um ponto central nos estudos pós-coloniais. Por muito tempo, a tradução foi uma via de mão única: obras do "centro" (Europa, Estados Unidos) eram traduzidas para a "periferia" (América Latina, África, Ásia) de uma forma que impunha seus valores.

 **Ponto crítico:** Em contrapartida, quando obras da periferia eram traduzidas para o centro, muitas vezes eram "domesticadas", suavizadas para parecerem mais familiares e menos "estranhas" ao público hegemônico. O tradutor, consciente ou não, atua nesse campo de forças.

Compreender o tradutor como um mediador nos força a questionar a aparente neutralidade de um texto traduzido e a perguntar: que tipo de ponte está sendo construída aqui? E quem está definindo as regras do trânsito?

O Dilema da Fidelidade: Lealdade a Quem?

Fiel a quê, exatamente?



Por séculos, o grande debate nos estudos da tradução girou em torno de uma única palavra: **fidelidade**. A metáfora era clara: o tradutor devia ser "fiel" ao texto original, e qualquer desvio era visto como uma traição. O problema é que essa ideia, embora sedutora, é uma armadilha.

Imagine um poema que depende de rimas e de um metro rígido em francês. Um tradutor que busca ser fiel à "letra" do texto, traduzindo palavra por palavra, provavelmente destruirá toda a musicalidade que tornava o poema especial. Por outro lado, um tradutor que busca ser fiel ao "espírito", recriando o esquema de rimas e o ritmo em português, precisará inevitavelmente se afastar das palavras exatas do original. Qual dos dois foi mais "fiel"?

Essa busca por uma fidelidade absoluta se parece com a tentativa de recriar um prato famoso de um chef renomado usando apenas a lista de ingredientes. Você pode ter todos os componentes, mas sem entender a técnica, o tempo de cozimento, a forma de empratar e, principalmente, a *intenção* por trás da receita, o resultado será decepcionante.

Foi a insatisfação com essa dicotomia simplista que levou teóricos modernos a propor novas formas de pensar a tradução. Eles perceberam que a questão não era "ser fiel vs. ser infiel", mas sim entender **quais são as estratégias** por trás de cada escolha de tradução e **quais são suas consequências** políticas e culturais.

Lawrence Venuti

A Encruzilhada: Domesticar ou Estrangeirizar?

No final do século XX, o teórico americano Lawrence Venuti jogou uma luz completamente nova sobre o debate da fidelidade. Ele argumentou que toda tradução enfrenta uma escolha fundamental, uma verdadeira encruzilhada estratégica.

Domesticação

Estratégia: Adaptar a receita tailandesa — diminuir a pimenta, substituir ingredientes exóticos por familiares.

Objetivo: Fazer o "estranho" parecer familiar, minimizando o choque cultural. A leitura se torna fluida e fácil.

Efeito: O convidado se sente confortável, mas não experimenta a autenticidade do prato original.

Estrangeirização

Estratégia: Servir o prato em sua versão original, com toda a sua pimenta característica.

Objetivo: Destacar a diferença cultural, desafiar o leitor e lembrá-lo de que ele está transitando por um universo cultural diferente.

Efeito: A leitura pode ser mais difícil, mas expõe o leitor à alteridade genuína.




Insight de Venuti: Especialmente no mundo de língua inglesa, a tradição sempre favoreceu a domesticação, criando a ilusão de que o texto traduzido foi, de alguma forma, escrito originalmente naquela língua. Ele defende que a estrangeirização é uma prática mais ética e politicamente consciente, pois respeita a origem da obra e resiste ao etnocentrismo.

As Consequências de Cada Escolha


A decisão entre domesticar e estrangeirizar não é apenas uma questão de estilo; ela tem **implicações profundas** na forma como uma cultura inteira irá perceber uma obra ou um autor.

Exemplo: Romance Japonês

 **Abordagem Domesticadora**

- Substitui referências a alimentos por equivalentes ocidentais
- Adapta costumes e hierarquias sociais
- Suaviza elementos "estranhos"

Resultado: Texto fluido, mas visão diluída da cultura japonesa.

 **Abordagem Estrangeirizante**

- Mantém nomes de alimentos em japonês
- Preserva a sintaxe original quando relevante
- Não suaviza normas sociais diferentes

Resultado: Leitura desafiadora, mas aprendizado cultural genuíno.



Nenhuma estratégia é inerentemente "melhor" que a outra em todos os casos, mas é crucial reconhecer que a escolha existe e que ela nunca é neutra.

Comparação Sistemática

Critério	Domesticação	Estrangeirização
Objetivo Principal	Minimizar a estranheza do texto estrangeiro	Preservar e expor a diferença cultural
Foco	No leitor da cultura de chegada e sua fluidez	No autor e no contexto da cultura de partida
Efeito no Leitor	Conforto, fluidez, transparência	Desconforto, desafio, consciência de alteridade
Exemplo Prático	Substituir referência cultural por uma universal	Manter referência original com explicação
Risco	Etnocentrismo, apagamento cultural	Texto pode parecer "mal traduzido"

Como leitores críticos, nosso papel é começar a identificar essas estratégias e a questionar seus efeitos.

O Tradutor Invisível e a Política da Tradução

A preferência histórica pela domesticação, especialmente em culturas dominantes, levou ao que Lawrence Venuti chama de "**a invisibilidade do tradutor**". Pense nas dezenas de livros de autores estrangeiros que você já leu. Você se lembra do nome do tradutor ou da tradutora? Na maioria das vezes, não. Isso não é um acaso.

A Ilusão da Transparência

Uma tradução domesticadora bem-sucedida é aquela que se apaga, que cria a ilusão de que o texto flui "naturalmente" na língua de chegada, como se o tradutor fosse apenas um canal transparente.

Invisibilidade é Política

Essa invisibilidade reforça a ideia de que a língua e a cultura de chegada são o padrão, a norma, e que o "outro" deve se adaptar para ser aceito.

Ferramenta Colonial

A tradução foi, por séculos, uma ferramenta do poder colonial. Textos eram traduzidos de forma a impor a visão de mundo do colonizador.

A estrangeirização surge como um ato de resistência. Tornar o tradutor visível, através de escolhas que quebram a fluidez e expõem a maquinaria da tradução, é também um ato de dar visibilidade à cultura de origem.

O tradutor, portanto, deixa de ser um servo invisível e assume seu lugar como **coautor**. Suas escolhas éticas e políticas moldam o texto tanto quanto as do autor original. Ele não está apenas construindo pontes, mas decidindo a arquitetura dessas pontes, quem pode cruzá-las e quais pedágios (cognitivos e culturais) são cobrados no caminho.

A Viagem Global da Obra: Literatura Mundial e Refração

Quando uma obra é traduzida, ela não apenas viaja para um novo país; ela entra em um sistema global de circulação literária. Teóricos como David Damrosch e Pascale Casanova nos ajudam a entender esse fenômeno, conhecido como **Literatura Mundial** (*World Literature*).

01

Obras que Ganham na Tradução

Damrosch propõe que a literatura mundial é composta por obras que **ganham na tradução**. Ao ser deslocada de seu contexto original, a obra pode perder algumas nuances locais, mas ganha novas ressonâncias ao interagir com outras tradições literárias.

02


O Conceito de Refração

Pense na luz que passa por um prisma e se decompõe em várias cores. A obra original é a luz branca. Cada tradução, cada cultura que a recebe, é uma face do prisma.

03

Multiplicação de Significados

A luz que emerge não é mais "branca", mas um espectro de novas cores, de novas interpretações. A obra não é diminuída; ela é enriquecida, multiplicada.

 **Exemplo:** O *Dom Quixote* lido no Brasil do século XXI, com nosso histórico de modernismo antropofágico, não é o mesmo *Don Quijote* lido na Espanha do século XVII. A tradução o "refractou" em nossa realidade.

A República Mundial das Letras

Pascale Casanova descreve esse espaço como um mercado simbólico, com suas capitais (como Paris), suas moedas (o prestígio) e suas alfândegas (os tradutores, editores e críticos).

Uma obra de uma cultura "periférica" muitas vezes precisa ser "validada" através da tradução em um centro cultural para ganhar reconhecimento global.



Compreender essas dinâmicas de poder é essencial para uma análise comparatista completa.

Os Muitos Corvos de Edgar Allan Poe

Para que nossa discussão não fique apenas no campo teórico, vamos analisar um exemplo prático e famoso: o poema "O Corvo" (*The Raven*), de Edgar Allan Poe.



O Desafio da Tradução

O poema é uma obra-prima de atmosfera gótica, conhecido por sua musicalidade hipnótica, seu ritmo marcante (o troqueu catalético) e sua melancólica repetição do refrão "Nevermore". O desafio para qualquer tradutor é imenso: como recriar essa teia complexa de som, sentido e sentimento em outra língua?

Machado de Assis	Fernando Pessoa
Abordagem associada à domesticação . Objetivo: recriar o efeito narrativo e dramático. Preocupou-se menos com a métrica exata e mais com a clareza da história.	Abordagem estrangeirizante . Objetivo: recriar em português a <i>música</i> exata do original. Não hesitou em inverter palavras e usar termos menos comuns.

No Brasil, o poema recebeu dezenas de traduções, mas duas delas se tornaram canônicas e representam abordagens radicalmente diferentes. Ambos eram gigantes da literatura, mas suas visões sobre o que significava traduzir Poe não poderiam ser mais distintas.

Machado vs. Pessoa

Vamos observar a primeira estrofe do poema e comparar as duas abordagens lado a lado.

1

Original de Poe

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore—
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.
"Tis some visitor," I muttered, "tapping at my chamber door—
Only this and nothing more."

2

Machado de Assis (1883)

Em certa noite, quando, em funda mágoa, eu lia,
Um velho e raro livro de doutrina antiga,
Já cansado, e quase a adormecer, ouvi o que parecia
O som de alguém que à porta do meu quarto batia.
"É um visitante", disse eu,
"que bate à porta amiga,
É um visitante, e nada mais teria."

Análise: Machado "suaviza" o texto. Transforma "midnight dreary" em "em certa noite". Desfaz a estrutura rítmica interna em favor de uma prosa poética mais convencional. [A leitura é fácil, direta, elegante.](#)

3

Fernando Pessoa (1924)

Em certa noite anojada,
quando, fraco e fatigado,
Eu lia, à luz da lâmpada, um livro de ciência antiga e rara,
E já quase adormecia, ouvi um som, de repente,
abafado,
Como que de alguém a bater, a de leve, à porta do meu quarto.
"É um visitante", murmurei,
"que bate à porta do meu quarto;
É só isso, e nada mais."

Análise: "Noite anojada" é uma escolha lexical incomum que tenta capturar "dreary". Esforça-se para manter o ritmo e pausas do original. Sintaxe menos comum em português. [Nos lembra a cada verso que estamos lendo uma obra estrangeira.](#)

📌💡 **Conclusão:** Não há uma resposta "certa" ou "errada" aqui. Ambas as traduções são brilhantes em seus próprios termos. Machado nos deu uma versão de Poe que se integrou perfeitamente à tradição literária brasileira. Pessoa nos deu uma aula sobre como a forma poética pode ser, em si, o conteúdo.

O que esse exemplo demonstra de forma inequívoca é que a tradução não é uma cópia. É uma **recriação crítica**, um ato de escolha que gera obras novas e independentes.

O Impacto da Tradução na Recepção de uma Obra

A análise comparativa dos "Corvos" de Machado e Pessoa nos leva diretamente à nossa questão central: como uma tradução pode alterar a recepção de uma obra em outra cultura?

A resposta é: **de forma total.**



O Poe de Machado

Um leitor brasileiro que conheceu Poe através da elegância narrativa de Machado de Assis provavelmente o viu como um grande contista do macabro, um mestre da atmosfera gótica.



O Poe de Pessoa

Já o leitor que o descobriu pela versão de Fernando Pessoa talvez tenha visto Poe primeiramente como um revolucionário da forma poética, um músico das palavras.



São dois "Poes" diferentes, construídos pelas mãos de seus tradutores.

Outros Exemplos de Impacto

- **Shakespeare no Romantismo alemão:** A forma como foi traduzido o transformou em um ícone nacional, enquanto traduções mais recentes podem destacá-lo como um autor do império britânico.
- **Autores latino-americanos na Europa e EUA:** Muitas vezes através de traduções que realçavam o "realismo mágico", ajudou a criar um rótulo que, para muitos, se tornou um estereótipo limitador.



■ **Humanidades Digitais:** Hoje, as Humanidades Digitais oferecem ferramentas fascinantes para aprofundar essa análise. Imagine poder comparar, com o auxílio de um computador, centenas de traduções de *Dom Quixote* em dezenas de línguas, mapeando como certas palavras-chave foram traduzidas ao longo de quatro séculos.

Projetos assim já existem e estão revelando padrões em larga escala sobre como as culturas dialogam, se apropriam e transformam umas às outras através da tradução. Isso reafirma que traduzir nunca é um ato inocente; é sempre um ato de interpretação que molda o cânone e a história da literatura.

Consolidação e Próximos Passos

Síntese da Jornada



Do Mito à Realidade

Viajamos do mito da "tradução como perda" para a compreensão da **tradução como um ato de transformação** crítica e criativa.



Estratégias de Tradução

Vimos que estratégias como a **domesticação** e a **estrangeirização** (Venuti) oferecem caminhos distintos com profundas consequências culturais.



O Tradutor como Coautor

Entendemos o tradutor não como uma figura invisível, mas como um **mediador cultural** e coautor, cujas escolhas podem alterar drasticamente a recepção de uma obra.



Literatura Mundial

Compreendemos como as obras circulam globalmente através da tradução, inserindo-se de novas formas na dinâmica da Literatura Mundial.

Em Prática

1 Valorize o Tradutor

Ao ler um livro traduzido, procure o nome do tradutor. Pesquise sobre ele e suas escolhas.

2 Analise Legendas

Quando assistir a um filme legendado, preste atenção em gírias ou piadas. Pense em como você as traduziria e compare com a solução da legenda.

3 Experimente Traduzir

Se você fala outro idioma, pegue um parágrafo de um livro que ama e tente traduzi-lo. Observe as dificuldades e as dezenas de pequenas decisões que você precisará tomar.

4 Questione Críticas

Antes de aceitar uma crítica sobre uma obra estrangeira, questione: qual tradução essa pessoa leu?

5 Leia Criticamente

Lembre-se: todo texto traduzido é o resultado de uma interpretação. Aborde-o com a mesma curiosidade crítica com que aborda o texto original.

Autoavaliação

Nível: Fácil

Segundo a perspectiva apresentada na aula, a tradução deve ser vista prioritariamente como:



1. Uma cópia fiel que busca a perda zero do sentido original.
2. Um processo técnico de substituição de palavras entre dois idiomas.
3. Um ato de transformação e interpretação cultural.
4. Um mal necessário para acessar literaturas estrangeiras.

Nível: Médio

A principal diferença entre as estratégias de domesticação e estrangeirização, conforme formuladas por Lawrence Venuti, reside em:



1. Traduzir de forma literal (estrangeirização) versus traduzir de forma livre (domesticação).
2. Minimizar a estranheza cultural do texto (domesticação) versus realçá-la (estrangeirização).
3. A preferência por autores clássicos (domesticação) versus autores modernos (estrangeirização).
4. Utilizar notas de rodapé (estrangeirização) versus não utilizá-las (domesticação).

Nível: Difícil - Estilo Concurso

Ao analisar comparativamente as traduções de "The Raven" por Machado de Assis e Fernando Pessoa, infere-se que:



1. A tradução de Pessoa, por ser mais "estranha", é tecnicamente inferior à de Machado.
2. Ambas as traduções representam a estratégia de domesticação, pois adaptam Poe ao gosto brasileiro.
3. A abordagem de Machado privilegia a fluidez narrativa para o leitor brasileiro, enquanto a de Pessoa busca recriar a materialidade sonora do poema original, mesmo que isso desafie a sintaxe portuguesa.
4. Machado de Assis foi o único tradutor a capturar a verdadeira essência de Poe, tornando as outras versões obsoletas.

Nível: Avançado

A conexão entre os Estudos da Tradução e os Estudos Pós-Coloniais se manifesta principalmente na análise de como:



1. A tradução sempre ajudou a promover a igualdade entre as culturas.
2. As relações de poder históricas influenciaram as estratégias de tradução, muitas vezes "apagando" a cultura de origem em favor da cultura dominante.
3. Autores pós-coloniais se recusam a ser traduzidos para as línguas dos antigos colonizadores.
4. A tradução é um campo puramente estético, isento de implicações políticas.

Questão Discursiva



Com base no que foi discutido, explique brevemente (3-5 linhas) por que a chamada "invisibilidade do tradutor" pode ser considerada um problema político e cultural.

Gabarito e Recursos Adicionais

Gabarito

- **Questão 1:** c
- **Questão 2:** b
- **Questão 3:** c
- **Questão 4:** b

Resposta à Discursiva

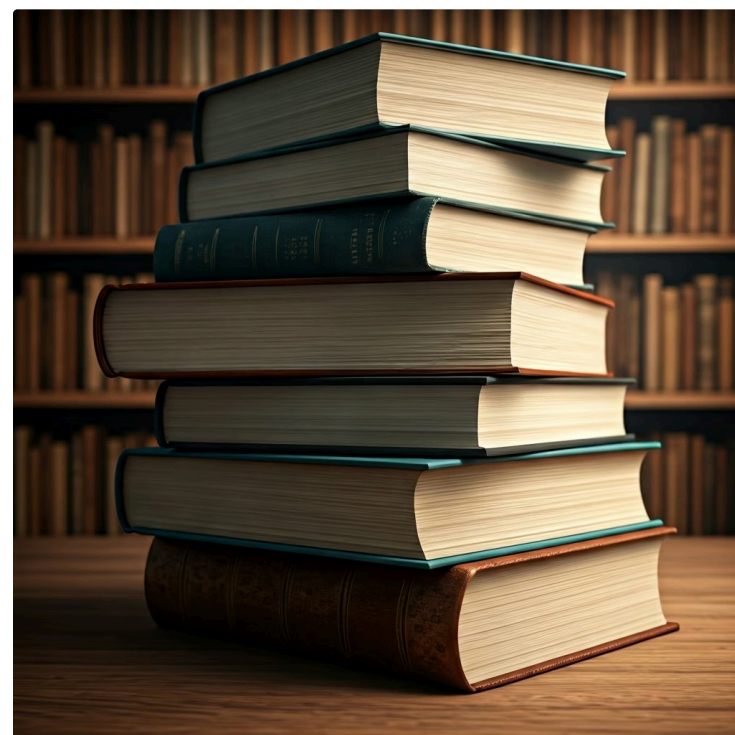
A invisibilidade do tradutor é um problema porque reforça a ilusão de que a tradução é um ato neutro e transparente. Isso oculta as escolhas ideológicas e culturais do tradutor e pode perpetuar uma dinâmica de poder na qual a cultura estrangeira é "domesticada" para se conformar aos valores da cultura dominante, apagando sua alteridade.

Próxima Aula

Aula 5 – O Cânone Literário em Perspectiva Comparada

Agora que entendemos como as obras viajam e se transformam, vamos questionar quem decide quais livros são considerados "clássicos".

Investigaremos a formação do cânone literário, suas hierarquias e como a literatura comparada, com uma perspectiva decolonial, tem desafiado e expandido essas listas.



Recursos Adicionais



A Invisibilidade do Tradutor

Autor: Lawrence Venuti

Para aprofundar a discussão central da aula sobre domesticação, estrangeirização e a política da tradução.



A Tarefa do Tradutor

Autor: Walter Benjamin


Um ensaio filosófico denso e clássico sobre a natureza da tradução e sua dimensão transcendental.



PoemHunter.com

Tipo: Website

Para encontrar e comparar diferentes traduções de poemas famosos em várias línguas, permitindo análise prática.

-  **Lembre-se:** A tradução não é uma cópia imperfeita, mas uma transformação criativa que enriquece tanto a obra original quanto a cultura de chegada. Cada tradução é uma nova performance, uma nova interpretação, um novo original.